



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design – Unesp

Bauru Departamento de Comunicação Social

Graduação em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo

Eduardo Moreira da Silva RA: 181031371

Guilherme Luis Santos Ferreira RA: 181032872

João Mateus Macruz Cinto RA: 181030543

**LINGUAGEM INCLUSIVA NA LITERATURA:
Como livros contornam a gramática padrão para falar
com minorias**

BAURU
2022

EDUARDO MOREIRA DA SILVA
GUILHERME LUIS SANTOS FERREIRA
JOÃO MATEUS MACRUZ CINTO

LINGUAGEM INCLUSIVA NA LITERATURA:

Como livros contornam a gramática padrão para falar com minorias

Trabalho de Conclusão do Curso (Projeto Experimental) da graduação do curso de Jornalismo na Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design - Câmpus de Bauru.

Orientador (a): Prof.^a Dr.^a Érika de Moraes

BAURU/SP

2022

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão do Curso é um Projeto Experimental (produto jornalístico) que visa apresentar e aprofundar a discussão sobre a chamada “linguagem neutra de gênero”, ou “linguagem inclusiva”, um tipo de variação linguística que busca incluir todos os grupos de pessoas na comunicação cotidiana. Para isso, utilizam-se recursos que alteram a língua portuguesa padrão, como a troca dos pronomes “ele” e “ela” por “elu”, usado geralmente para se referir a pessoas não binárias, que não se identificam nem como homem nem como mulher. Vale destacar que optamos por definir um recorte ao tema, sendo ele a “linguagem neutra na literatura”. Esta iniciativa foi pensada com o intuito de guiar, principalmente, os esforços de entrevista e levantamento de informações e dados. Este é o tema primário e central do Projeto Experimental, contudo, o recorte é parcialmente ultrapassado para aprofundar esta questão tão ampla de forma mais panorâmica e completa.

Palavras-chave: Literatura; Cultura e Linguagem; Identidade de Gênero na Literatura; Jornalismo e Literatura; Conscientização da Linguagem.

ABSTRACT

The present Course Completion Work is an Experimental Project (journalistic product) that aims to present and deepen the discussion on the so-called "gender neutral language", or "inclusive language", a type of linguistic variation that seeks to include all groups of people in everyday communication. For this, resources that change the standard Portuguese language are used, such as the exchange of the pronouns “ele” and “ela” for “elu”, generally used to refer to non-binary people, who do not identify themselves as either female or male. It is worth noting that we chose to define a focus on the theme, which is the “neutral language in literature”. This initiative was designed with the aim of guiding, mainly, the efforts of interviewing and gathering information and data. This is the primary and central theme of the Experimental Project, however, the cut is partially overcome to delve into this broad question in a more panoramic and complete way.

Palavras-chave: Literature; Culture and Language; Gender Identity in Literature; Journalism and Literature; Language Awareness.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. HOMEPAGE DO WEBSITE	7
3. REPORTAGEM UM	11
4. REPORTAGEM DOIS	20
5. REPORTAGEM TRÊS	23
6. REPORTAGEM QUATRO	28
7. REPORTAGEM CINCO	36
8. ENTREVISTADOS	39
9. REALIZADORES	44
REFERÊNCIAS	46

1. INTRODUÇÃO

O produto final deste Trabalho de Conclusão de Curso consiste em um conjunto de reportagens veiculadas de forma digital em um website próprio. Este documento é apenas uma reprodução do website em formato PDF. Para ler as reportagens no website, basta acessar este link: <https://projetolivres.com/>.

Livros com linguagem neutra de gênero, como 'elu' e 'todes', alteram a língua portuguesa para contemplar minorias

Com palavras inventadas, obras contornam a gramática formal na tentativa de incluir mulheres e pessoas não binárias



Língua portuguesa, para ser inclusiva, perde marcação de gênero e ganha ideologia

Linguista explica possível erro de tradução do movimento gender-neutral language e fala sobre como não pode haver neutralidade política e ideológica nesta variação linguística



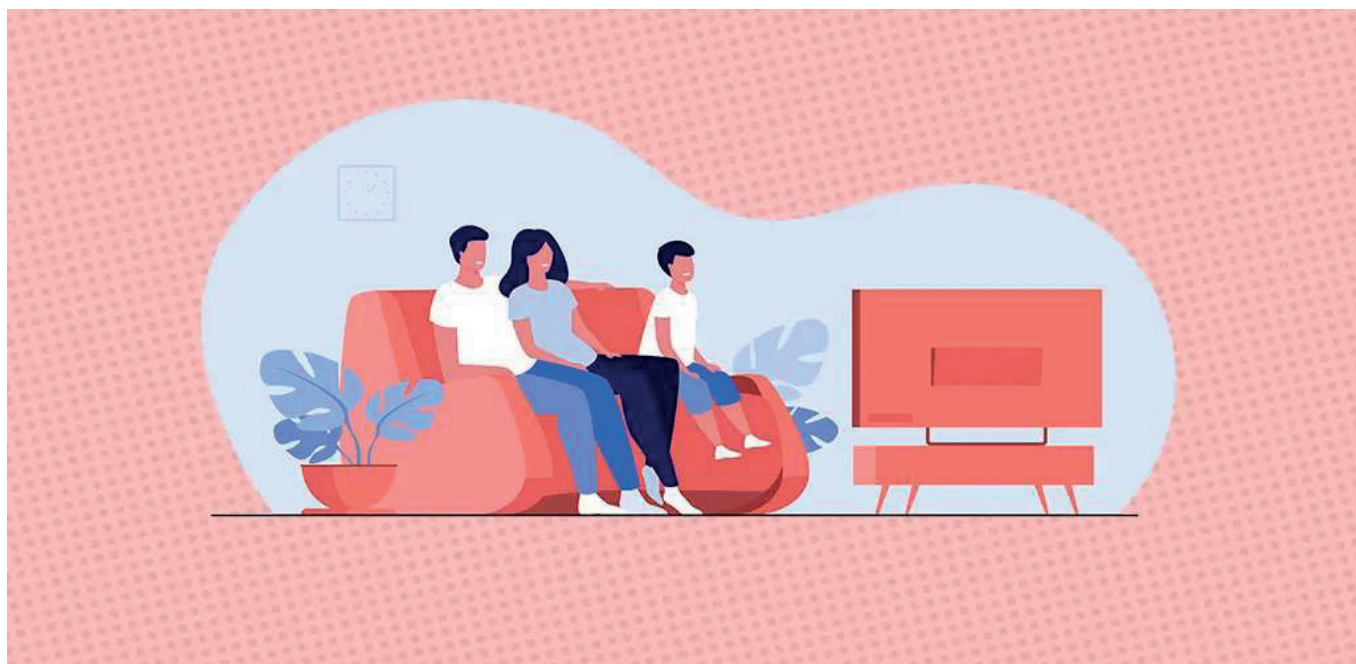
Entenda o que é a linguagem neutra de gênero, que causa polêmica em novelas da Globo

Com a estreia de 'Cara e Coragem', a variação linguística que distorce palavras voltou a ser tema de debate nas redes sociais

AMIGUES TODES ALUNES

Personagens não binárias ganham luz em 8 filmes e séries no streaming; saiba onde assistir

De 'elus' a 'iles', produções usam linguagem inclusiva para falar sobre identidades queer



Saiba como tornar a sua comunicação mais inclusiva no dia a dia

Veja uma lista com quatro dicas para incorporar neutralidade de gênero às falas e textos



Copyright © 2022 Projeto Livres | Powered by Projeto Livres

Livros com linguagem neutra de gênero, como ‘elu’ e ‘todes’, alteram a língua portuguesa para contemplar minorias

Com palavras inventadas, obras contornam a gramática formal na tentativa de incluir mulheres e pessoas não binárias



“Sejam todes bem-vindes ao grupo de discussão sobre identidade de gênero do Centro LGBT — elu diz. — Vamos nos apresentar seguindo o círculo. Digam seus nomes, pronomes e de onde vocês são. Eu começo. Meu nome é Bex, uso os pronomes elu/delu e sou do Bronx”.

Os desavisados podem até achar que este trecho, tirado do romance “Felix Para Sempre”, não foi revisado direito e está cheio de erros de digitação — mas não é o caso. Palavras distorcidas, como “elu”, “delu” e “todes”, fazem parte da “linguagem neutra” ou “inclusiva”, uma espécie de variação linguística moderna que vem ganhando cada vez mais adeptos nos últimos anos — tanto que passou a ser usada até para escrever livros.

Seu uso tem como objetivo criar textos que modifiquem o padrão da gramática formal, no qual os termos masculinos coincidem com os utilizados para compreender todas as pessoas. A ideia é conseguir usar palavras que se dirijam também a mulheres e não binários.

Levou um tempo para que o tema saltasse das redes sociais e saísse só da boca dos militantes da causa. Hoje o cenário é diferente, e a linguagem defendida como neutra já estampa placas em universidades públicas, campanhas publicitárias de grandes empresas e até um programa de vídeos da Secretaria Municipal de Saúde (SMS) de São Paulo.



Foto: Reprodução/Facebook

Mas foi só na cultura pop, com livros, filmes, séries e até novelas, que esse tipo de linguagem ganhou espaço de verdade.

Na literatura, “Felix Para Sempre” é só um numa lista de vários títulos que usam linguagem neutra, como “Garotos do Cemitério”, “Lendários” e “Órbita de Inverno”, publicados no Brasil nos últimos meses. Na esfera audiovisual, exemplos são as séries “Todxs Nós”, da HBO, e a temporada mais recente de “Sex Education”, da Netflix, que adicionou uma personagem não binária à trama.

Pessoas não binárias, como Cal, de “Sex Education”, dizem não se identificar com a binariedade de gênero. Isso significa que elas não se consideram nem homens nem mulheres e podem navegar entre as várias identidades que são abrigadas sob o guarda-chuva do termo “não binário”. É este o grupo de pessoas que mais milita sobre a importância do uso de linguagem neutra.

“[...] Eu me lembro de ler sobre a identidade não binária. Muitas pessoas que usam pronomes como elu/delu não sentem que são um cara ou uma garota [...] Mas se não sou não binário e não sou um cara, e definitivamente não sou uma garota, então o que eu sou? Eu vim aqui em busca

de respostas, mas parece que minhas perguntas estão só aumentando. Eu escrevo meu nome sem nenhum pronome e me sento na cadeira que parece mais distante”, reflete o protagonista de “Felix Para Sempre”, no que parece ser um retrato da confusão que não binários da vida real podem sentir na juventude.

nada me deixa mais boiolinha e com o coração quentinho do que ver personagens usando a linguagem neutra ou personagens genderfluid ou não-binários nos livros 🥺🥺💖

— *nya* ☀️ / 📖 *breaking legacies (@halleyycomett)* March 9, 2022

O tradutor Petê Rissatti, 42, utiliza linguagem neutra no seu trabalho sempre que consegue. “Não quero que ninguém se sinta afastado de um texto que traduzi”, diz ele, que afirma fazer isso por uma questão de justiça. Ele faz questão de lembrar ainda que a linguagem neutra não tenta incluir só o público não binário, mas também as mulheres. “Se eu fosse uma garota, iria querer me sentir contemplada em qualquer documento”.

Rissatti conta sobre a vez em que foi contratado pela editora Aleph para traduzir o livro “Encarcerados”, do americano John Scalzi. A história é protagonizada por uma personagem chamada Cris Shane, a qual ele deduziu ser um homem quando começou a tradução.

“Foi só no meio do livro que notei que o texto nunca tinha dito que aquela personagem era um homem. Me bateu o desespero e fui procurar sobre o livro na internet. O primeiro artigo era do próprio autor da história dizendo que não sabia qual era o gênero de Chris Shane”, explica. O jeito foi voltar ao início da trama para revisar toda a tradução e tentar apagar qualquer indicativa de gênero sobre a personagem.

“Encarcerados” foi escrito em inglês, idioma que não atribui gênero às palavras. Adjetivos como “beautiful” e “crazy”, por exemplo, valem para homens e mulheres – enquanto “bonito”, “bonita”, “louco” e “louca”, seus respectivos no português, variam ao falar de rapazes ou de moças.

Além disso, o pronome em inglês usado para se referir a pessoas não binárias é o “they”, que significa “eles” ou “elas”, e não tem marcação de gênero. No Brasil, por sua vez, o mais comum é ver o uso das palavras “elu” ou “ile” para substituir os pronomes tradicionais.

Xiran Jay Zhao, que escreveu o recém-publicado “Viúva de Ferro”, é uma pessoa não binária. Depois de passar pela Bienal do Livro de São Paulo, em julho deste ano, Zhao disse à reportagem que usar linguagem neutra em inglês é muito mais fácil do que em vários outros idiomas, apesar de haver quem discuta a validade gramatical do uso do pronome “they”, que indica plural, para falar de um indivíduo.

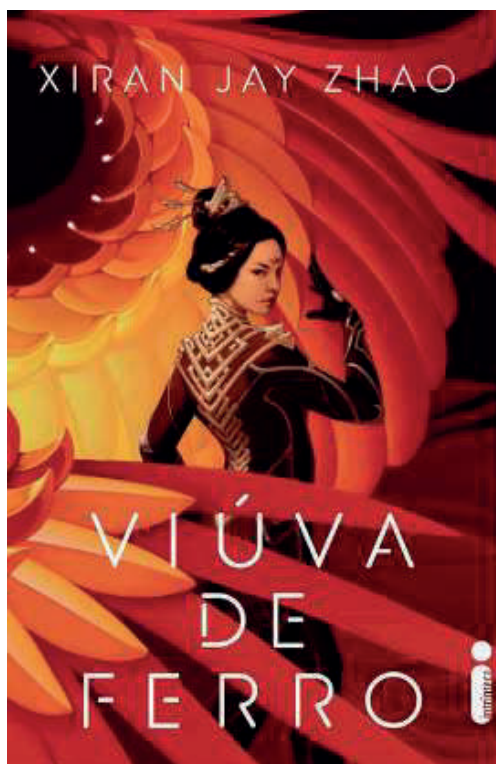


Foto: Reprodução/Valkirias

“Apenas esnobes levantam essa questão hoje em dia. A linguagem evolui. Esse é o principal critério que diferencia uma língua viva de uma morta. Tenho orgulho de fazer parte dos esforços para conseguirmos usar termos neutros em tantos idiomas”, diz.

A narrativa de “Viúva de Ferro” não usa linguagem neutra, mas o pedaço dos agradecimentos deveria apresentar pronomes neutros quando o texto se refere a Zhao. O problema é que a editora Intrínseca, que publica o título no Brasil, usou termos femininos. Depois de um rebuliço feito pelos fãs da obra nas redes sociais, a empresa pediu desculpas no Twitter e garantiu que o texto seria corrigido na nova tiragem do livro.

Intrínseca ✓

@intrinseca · [Seguir](#)



Pedimos desculpas pelo erro no uso de pronomes nos agradecimentos do livro “Viúva de Ferro”. (+)

6:28 PM · 26 de fev de 2022



[Leia a conversa completa no Twitter](#)



1,9 mil



Responder



Compartilhar

[Ler 18 respostas](#)

Não é de hoje que a língua portuguesa é considerada machista por algumas pessoas. Algo que frequentemente vira tema de problematização são os termos genéricos, indicativos de plural, que

coincidem com o masculino, como em “todos” e “eles”, usado para se referir a um grupo que tenha homens e mulheres – mesmo que haja apenas um único garoto entre milhares de garotas.

“Para além de expressões que sempre subjugam o feminino, a língua utiliza marcadores de gênero para quase que absolutamente tudo, sempre colocando o masculino como neutro e central”, considera Juliana Toivonen, 22, estudante de letras da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo).

É por isso que a linguagem proposta como neutra funciona como uma espécie de protesto. A frase “sejam todes bem-vindes”, usada no livro “Felix Para Sempre”, por exemplo, distorce uma palavra para deixar claro que aquela personagem não quer se dirigir apenas a homens. Para alguns dos defensores do tema, adicionar a letra “e” no final de palavras que têm versões masculina e feminina bastaria para que o texto fosse devidamente inclusivo.

Iran Melo, professor da Universidade Federal Rural de Pernambuco que produz uma pesquisa sobre o uso do gênero neutro no Brasil, chegou à conclusão de que existem três formas mais comuns de se utilizar a linguagem neutra. Ele as chama de “camadas”. “Elas nos ajudam a entender o que é mais ou menos compreensível para as pessoas”, afirma Melo.

Na primeira camada, são usados termos sem distinção de gênero, como a substituição de “alunos” ou “alunas” por “estudante”. A segunda camada é mais profunda e causa certo estranhamento, apesar de já ser comum nas redes sociais – é com ela que surgem palavras distorcidas como “elu” e “todes”. Apesar disso, Melo diz que o desvio da norma padrão dessas palavras ainda possibilita a sua compreensão.

A terceira e última camada, por sua vez, é a que mais rompe com a língua portuguesa padrão. Com ela, são usados símbolos, e não letras, para apagar qualquer indicação de gênero. É o caso de termos como “obrigad@” e “bonit@”.

Apesar de ter uma série de defensores, há também quem não goste do tema. Em entrevista à Folha de S. Paulo, o escritor de livros infantis Pedro Bandeira, 80, diz ser contra o ensino de linguagem neutra nas escolas. “Um personagem caipira pode falar errado, mas o narrador tem que usar a gramática tal como ela é. Agora querem criar um gênero que não existe”, afirmou ele ao jornal.

Bandeira complementou dizendo que a linguagem neutra é “uma invenção burra”. “Tem muita palavra terminada em ‘e’ que não tem nada a ver com neutralidade de gênero. É uma besteira”. Há um fator geracional presente na concepção de Bandeira.

Por sua vez, a professora Maria Helena de Moura Neves, 91, que atua como docente permanente da pós-graduação em linguística e língua portuguesa na Unesp (Universidade Estadual Paulista),

disse, também em entrevista à Folha de S. Paulo, considerar um equívoco o uso do termo “linguagem neutra”. Para ela, o correto seria chamar essa proposta de “língua inclusiva”.

Apesar de achar “louvável” as intenções de quem usa linguagem neutra, ela disse ao jornal que não se dá para supor que alguém, mesmo com boas intenções, terá sucesso propondo uma “alteração do ‘sistema’ da língua”. Procurada pela reportagem, Neves não quis falar sobre o assunto.

Por outro lado, existem acadêmicos que defendem com unhas e dentes o uso de linguagem neutra. É o caso da professora Marina Grilli, 32, que atua como formadora de professores de línguas. Para ela, o brasileiro deveria ter o direito de se apropriar da língua portuguesa.

“O brasileiro não é homem branco, heterossexual e cisgênero, certo? É todo mundo, incluindo as pessoas que reivindicam a linguagem neutra”.



“O brasileiro não é homem branco, heterossexual e cisgênero, certo? É todo mundo, incluindo as pessoas que reivindicam a linguagem neutra”.

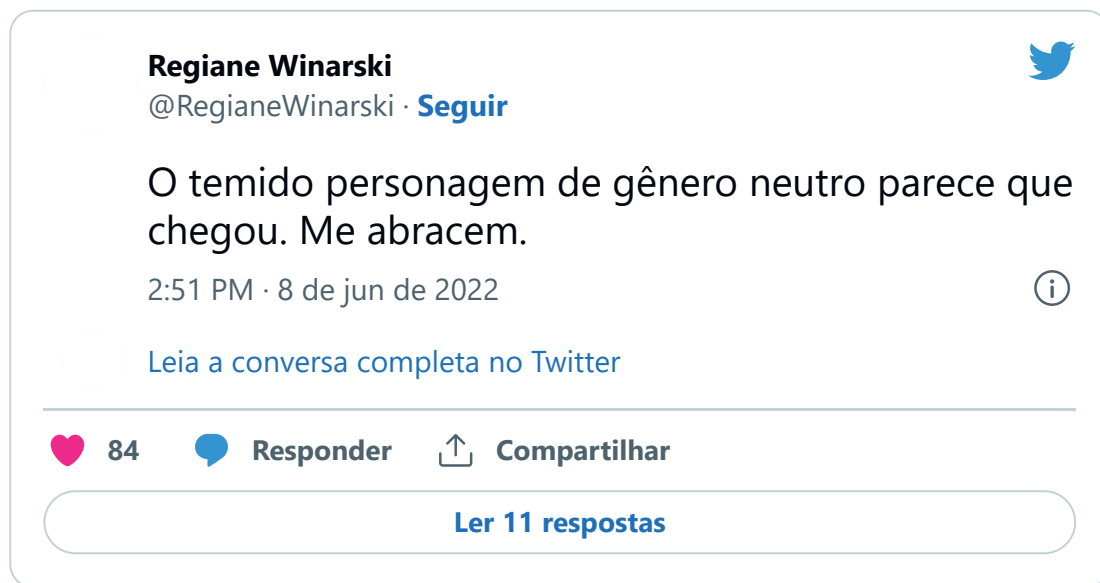
“A língua vai se adaptando e sendo adaptada. Cada vez que a gente usava a palavra “presidenta” [na época do governo de Dilma Rousseff] era exposta uma marca explícita de mudança. As pessoas estavam afirmando a importância de ter pela primeira vez uma mulher na presidência. Não dá para fingir que não tem um viés político. São decisões bem pensadas, assim como ocorre com o uso da linguagem neutra”, afirma.

Questionada sobre a afirmação de Neves, a professora da Unesp, Grilli diz que ambos os termos “neutra” e “inclusiva” funcionam bem. “Não tem mesmo nada de neutro em colocar as pessoas que não são homens no mesmo patamar do gênero masculino. Mas se convencionou chamar de linguagem neutra de gênero”, afirma.

O problema é que, para ela, o uso de linguagem neutra não foi aceito de verdade pela sociedade ainda, nem dentro da cultura pop.

É verdade que tornar compreensível uma obra com linguagem neutra não é um processo fácil. No caso dos livros, o volume de trabalho aumenta em todas as etapas, da preparação à edição final do texto.

“O temido personagem de gênero neutro parece que chegou. Me abracem”, postou a tradutora Regiane Winarski no Twitter em junho.



Ela conta que a obra em questão é um conto de poucas páginas e que a personagem que se identifica como não binária não é protagonista. “Devo dizer que isso facilitou a minha vida, porque, por mais interessante que seja o desafio de trabalhar com linguagem neutra, é muito trabalhoso. A gente tem que quebrar muito a cabeça”, diz.

Para ela, o melhor jeito para contornar as dificuldades é tentar reescrever as frases usando termos que não usem marcação de gênero. “Isso funciona também quando você está escrevendo um texto para um público indefinido e você deseja ser abrangente”, explica.

Quando questionada se precisou distorcer palavras, Winarski explica que não foi preciso apelar para este artifício porque o texto era curto. “Eu não vejo nenhum problema em fazer isso. Mas se eu fosse usar algum termo do tipo ‘bonite’ ou ‘elu’, eu teria que conversar com a editora antes para entender seu posicionamento e seguir as diretrizes que me enviassem”.

Vic Vieira, que traduziu “Felix”, falou sobre o assunto em entrevista publicada no site da Editora Nacional, que trouxe o título para o Brasil. “Optamos pelo pronome ‘elu’. É o que vem sendo mais utilizado em traduções recentes. Há alguns anos ainda existia uma resistência das editoras em adotar essa linguagem. Então é um passo adiante. Há uma aura de legitimação quando algo assim sai publicado no livro de uma editora reconhecida”.

E há mesmo. Prova disso é que “Os Garotos do Cemitério”, livro com linguagem neutra de gênero publicado pela Galera, o selo de livros jovem-adulto do Grupo Editorial Record, foi o quinto livro mais vendido do estande da editora na Bienal do Livro de São Paulo deste ano.

Na história, um rapaz transsexual vive em uma comunidade latina na qual só os homens podem ser bruxos. Rafaella Machado, editora da Galera, explica que a edição nacional adapta a palavra “brujes”, usada no texto original, para “bruxes”, usado para indicar o plural de bruxos e bruxas. “Como foi a nossa primeira publicação com uso de palavras de gênero neutro, resolvemos fazer um meio termo e usar ‘os bruxes’ para que não soasse tão estranho para quem ainda não conhece essa variação linguística”.

Para ela, o maior desafio em publicar um livro como esse é conseguir tornar o texto inclusivo sem que se perca o sentido. “Conforme esse assunto vai sendo mais debatido, fica mais fácil usarmos linguagem neutra de gênero de uma forma que soe compreensível para os leitores de todo o país”, pontua.

Apesar do desejo de Machado, a verdade é que a língua inclusiva está longe de ser tema recorrente no debate público.

Marina Grilli, a professora, afirma que a necessidade de se marcar gênero em textos, escritos ou falados, é reflexo de uma sociedade desigual e conservadora. “Quando algo é dito por uma mulher, se reage de uma forma. Se o mesmo é dito por um homem, a reação é outra. Por quê? A ideia é desconstruir isso”.

[← Post anterior](#)

[Post seguinte →](#)

Leia outras reportagens

Entenda o que é a linguagem neutra de gênero, que causa polêmica em novelas da Globo

Língua portuguesa, para ser inclusiva, perde marcação de gênero e ganha ideologia

Saiba como tornar a sua comunicação mais inclusiva no dia a dia

Pessoagens não binárias ganham luz em 8 filmes e séries no

personagens não binárias ganham luz em 8 filmes e séries no streaming; saiba onde assistir

Copyright © 2022 Projeto Livres | Powered by Projeto Livres

Língua portuguesa, para ser inclusiva, perde marcação de gênero e ganha ideologia

Linguista explica possível erro de tradução do movimento gender-neutral language e fala sobre como não pode haver neutralidade política e ideológica nesta variação linguística



Não é de hoje que termos como “elus” e “menines” pipocam pelas redes sociais. A linguagem neutra de gênero, ou língua inclusiva, já era tema de polêmicas na internet, mas agora estourou a bolha e levou as discussões para o ambiente offline.

Um dos principais debates é sobre como chamar essa variação linguística, que distorce palavras da gramática padrão para tirar a marcação de gênero e, assim, se dirigir a mulheres e pessoas não binárias. O termo mais comum e popular é “linguagem neutra” — mas será que é neutra mesmo?

Thomas Fisbow, professor e doutor do Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo (USP), diz que essa polêmica só existe por causa de um erro de tradução. É que, segundo ele,

movimentos que defendem a neutralidade de gênero na língua estão espalhados em vários países do mundo.

“Nos Estados Unidos, existe a expressão ‘gender-neutral language’. Linguagem neutra de gênero é a tradução disso”, explica Fisbow. Mas, como ele ressalta, ao chegar ao Brasil, a expressão perdeu o termo “de gênero”, o que dá uma falsa impressão de neutralidade política e ideológica.

“Esse modelo de linguagem não é ideologicamente neutro, está reivindicando muitas questões sociais”, afirma.

No latim, todos os substantivos eram divididos entre masculinos, femininos e neutros, explica Fisbow. Os primeiros textos escritos em português, porém, já demonstravam que o idioma era binário. “O uso da forma masculina como plural genérico, por exemplo, remonta à origem da língua portuguesa. Isso se deu por razões culturais”, revela.

Para uma linguagem ser considerada neutra, teria que ser livre de qualquer sinal de ideologia ou posicionamento político e pessoal. O que é o oposto do que ocorre ao se dizer a palavra “bonite”, por exemplo — quem a pronuncia quer se rebelar com o padrão gramatical para deixar explícito que quer incluir mulheres e pessoas não binárias na fala.

Foi por isso que se criou o termo “linguagem inclusiva”, que é a expressão comumente adotada por linguistas e especialistas da área para se referir à popular “linguagem neutra”.

É assim, aliás, que Fisbow fala do movimento, “Eu, pessoalmente, prefiro ‘linguagem inclusiva’, porque deixa mais explícito qual o objetivo da criação destas normas”, finaliza.

[← Post anterior](#)

[Post seguinte →](#)

Leia outras reportagens

Entenda o que é a linguagem neutra de gênero, que causa polêmica em novelas da Globo

Livros com linguagem neutra de gênero, como ‘elu’ e ‘todes’, alteram a língua portuguesa para agradar minorias

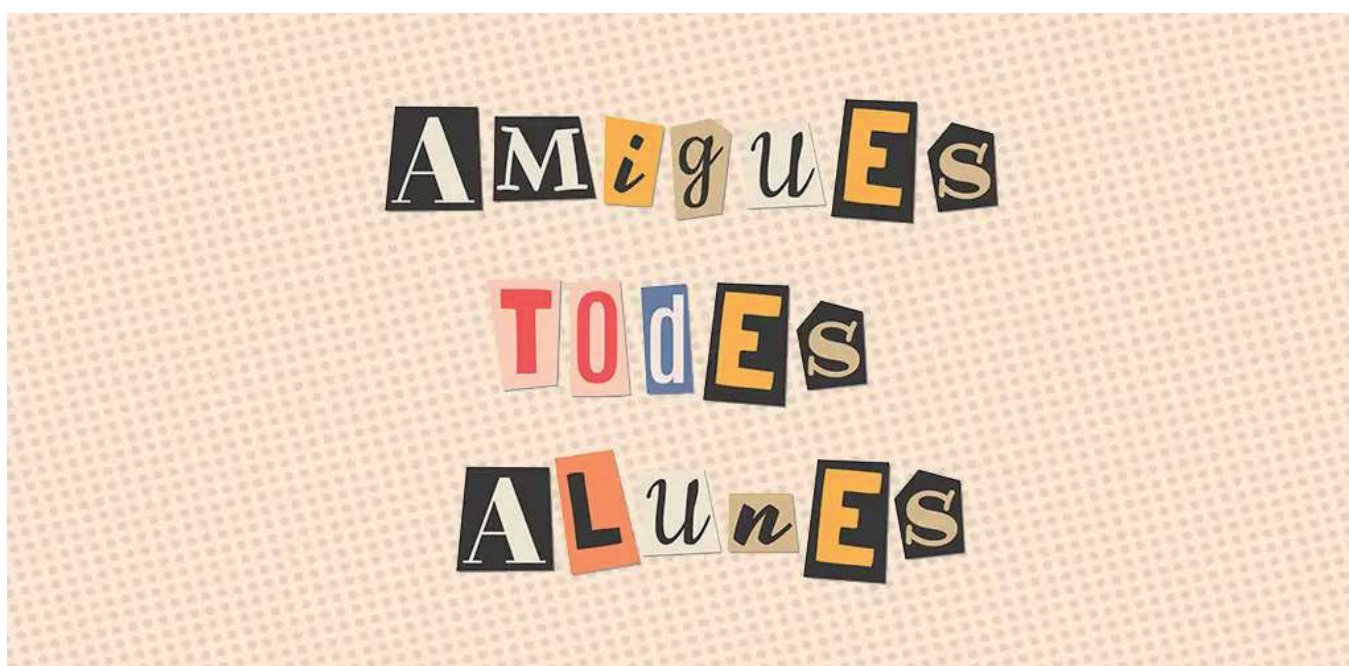
Saiba como tornar a sua comunicação mais inclusiva no dia a dia

Personagens não binárias ganham luz em 8 filmes e séries no streaming; saiba onde assistir

Copyright © 2022 Projeto Livres | Powered by Projeto Livres

Entenda o que é a linguagem neutra de gênero, que causa polêmica em novelas da Globo

Com a estreia de 'Cara e Coragem', a variação linguística que distorce palavras voltou a ser tema de debate nas redes sociais



Lançada em maio deste ano, a nova aposta da Rede Globo para o horário das 19 horas é uma novela chamada “Cara e Coragem”. Para promover o folhetim, que fala sobre o universo de dublês, a emissora exibiu uma mulher caindo da escada em um episódio de “Domingão com Huck”, seu programa das tardes de domingo. Não demorou para que a cena viralizasse e virasse meme nas redes sociais.

Mas “Cara e Coragem” já tinha sido tema de discussões na internet em outubro do ano passado, quando Claudia Souto, a autora da novela, disse em entrevista ao jornal Folha de S. Paulo que o texto do folhetim teria linguagem neutra de gênero. Com isso, não demorou para que a polêmica se espalhasse pelas redes sociais.

Lina

@LinaTofolario · [Seguir](#)



Cara e Coragem será nova novela da Globo terá linguagem neutra.

Roteirista defende o uso do subdialeto que os acéfalos insiste em adotar.

(A falência é logo ali. Não aprenderam ainda?)

6:59 PM · 1 de out de 2021



12



Responder



Compartilhar

Ler 1 resposta

Vale lembrar que essa não foi a primeira vez que a TV Globo utiliza a neutralidade de gênero em suas produções culturais. Em “Pega Pega”, novela escrita por Souto, algumas personagens já distorceram palavras para incluir pessoas não binárias.

Mas “Cara e Coragem” virou tema até dos noticiários. “Quando Dilma era presidente, ela e seus asseclas queriam que a gente falasse ‘presidenta’. Agora, voltaram para ‘presidente’. É uma geração perdida”, disse Ana Paula Henkel, comentarista da Jovem Pan, numa discussão sobre a decisão de Souto feita no programa “Os Pingos nos Is”, em outubro do ano passado.

Henkel desaprova a linguagem neutra de gênero, que coloca a letra “e” no final de algumas palavras para apagar marcas de gênero. Exemplo é o termo “bonite”, que pode ser usado para elogiar a beleza de qualquer pessoa, seja homem, mulher ou uma pessoa não binária.

Mas o que é a linguagem neutra de gênero e por que suas alterações à língua portuguesa padrão causam tanta polêmica?

Essa variação linguística busca nivelar gêneros no português. Para isso, o objetivo é naturalizar a coincidência entre o plural masculino e o geral. Iran Melo, professor da Universidade Federal Rural de Pernambuco e pesquisador sobre o uso da linguagem inclusiva no Brasil, define essa forma de comunicação como uma tentativa de romper com os modos tradicionais de se referir às pessoas.

“É uma proposta consciente e reflexiva, na qual surge a necessidade de designar, nomear e fazer a representação do gênero que não é masculino nem feminino. Isso faz com que seja preciso mexer em alguns elementos da gramática”, explica.



Foto: Reprodução/Twitter

É complexo tentar tirar a marcação de gênero de palavras da língua portuguesa, que tem versões masculina e feminina para a maioria dos adjetivos e substantivos — evidência disso são os termos “bonita” e “bonito” ou “esperto” e “esperta”.

Thomas Finbow, professor e doutor do Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo (USP), explica que, no português, a linguagem inclusiva não busca criar um terceiro gênero, como acontecia no latim e ocorre no alemão.

“Ninguém está brigando para mudar o gênero da palavra ‘mesa’, por exemplo. A linguagem neutra é utilizada quando existem substantivos que se referem a gêneros sociais”, finaliza.

Variações de pronomes que já existem foram criados para se dirigir a pessoas não binárias. As palavras “elu” e “ile” são os termos mais utilizados para falar de pessoas que não se identificam como homens nem mulheres.

Melo pontua que essa neutralidade de gênero pode acontecer em três níveis, que variam o grau de ruptura com a norma padrão da língua portuguesa.

A primeira delas é a utilização de palavras que não possuem variação de gênero na sua origem, como “galera”, “estudante”, “inteligente” e “pessoa”.

A segunda camada incorpora novos termos, fazendo com que as palavras sofram pequenas distorções, como em “linde” e “menine”.

Na última camada, a mais disruptiva, são usados símbolos, não letras, para apagar o gênero das palavras. Caso de palavras como “obrigad@” e “bonit*”. A polêmica aqui é maior, já que esses termos podem afetar a acessibilidade de pessoas cegas ou com algum nível de deficiência visual que dependem de leitores de tela, além de ser impossível pronunciá-los.

Este movimento não acontece só no Brasil. Nos Estados Unidos e em outros países de língua inglesa, por exemplo, grupos feministas e coletivos de pessoas não binárias já debatem o assunto há algum tempo.

Adjetivos não costumam ter marcação de gênero no inglês, o que torna mais fácil o processo de falar e escrever de forma mais inclusiva. O problema é que existem uma série de substantivos que mudam se utilizados para homens ou para mulheres. Caso dos termos “policeman” e “policewoman”, usados para identificar policiais homens e policiais mulheres, respectivamente. Neste caso, os adeptos da linguagem neutra de gênero defendem o uso do termo “police officer”, que é livre de gênero.

Se Henkel estava insatisfeita com “Cara e Coragem”, há também quem esteja ansioso para conhecer os personagens não binários da novela. “Horas antes da estreia e não saiu nada que indica qual será o núcleo que vai abordar linguagem neutra”, postou uma internauta no Twitter. Elus, com licença da gramática padrão, ainda não apareceram na trama. Resta esperar para ver o tamanho da polêmica quando isso acontecer.

**livs**
@alexis_roses · [Seguir](#)

horas antes da estreia e não saiu nada que indica qual será o núcleo que vai abordar linguagem neutra em cara e coragem

1:33 PM · 30 de mai de 2022

[Leia a conversa completa no Twitter](#)

 4  [Responder](#)  [Compartilhar](#)

[Ler 1 resposta](#)

Post seguinte →

Leia outras reportagens

Livros com linguagem neutra de gênero, como 'elu' e 'todes', alteram a língua portuguesa para agradar minorias

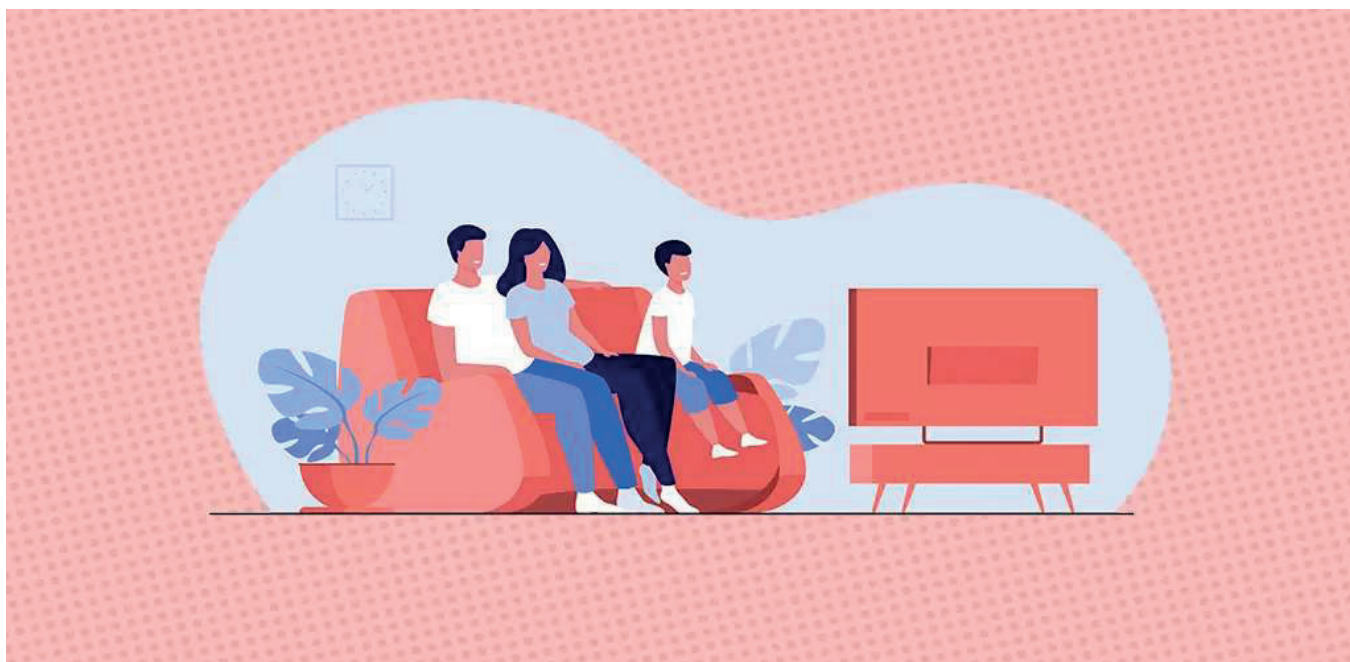
Língua portuguesa, para ser inclusiva, perde marcação de gênero e ganha ideologia

Saiba como tornar a sua comunicação mais inclusiva no dia a dia

Personagens não binárias ganham luz em 8 filmes e séries no streaming; saiba onde assistir

Personagens não binários ganham luz em 8 filmes e séries no streaming; saiba onde assistir

De 'elus' a 'iles', produções usam linguagem inclusiva para falar sobre identidades queer



Nem todo mundo gosta de passar horas lendo livros, mas isso não é desculpa para deixar de aprender sobre o que é ser não binário e sobre outras identidades queer — aquelas que escapam da binariedade que divide as pessoas entre homens e mulheres.

Pensando nisso, o Projeto Livres fez uma seleção com 8 filmes e séries que têm personagens não binários na trama e, por isso, podem ajudar você a entender melhor sobre o assunto.

Os títulos fazem uso de linguagem inclusiva, então não estranhe se desconhecer algum termo de primeira — você vai conseguir entender se prestar atenção ao contexto da cena.

As produções, aliás, podem auxiliar quem quer deixar o próprio linguajar mais inclusivo no dia a dia. Saiba mais aqui.

Veja mais informações sobre os títulos a seguir e saiba onde assistir cada um deles online. É só escolher o seu favorito e dar o play.

Sex Education

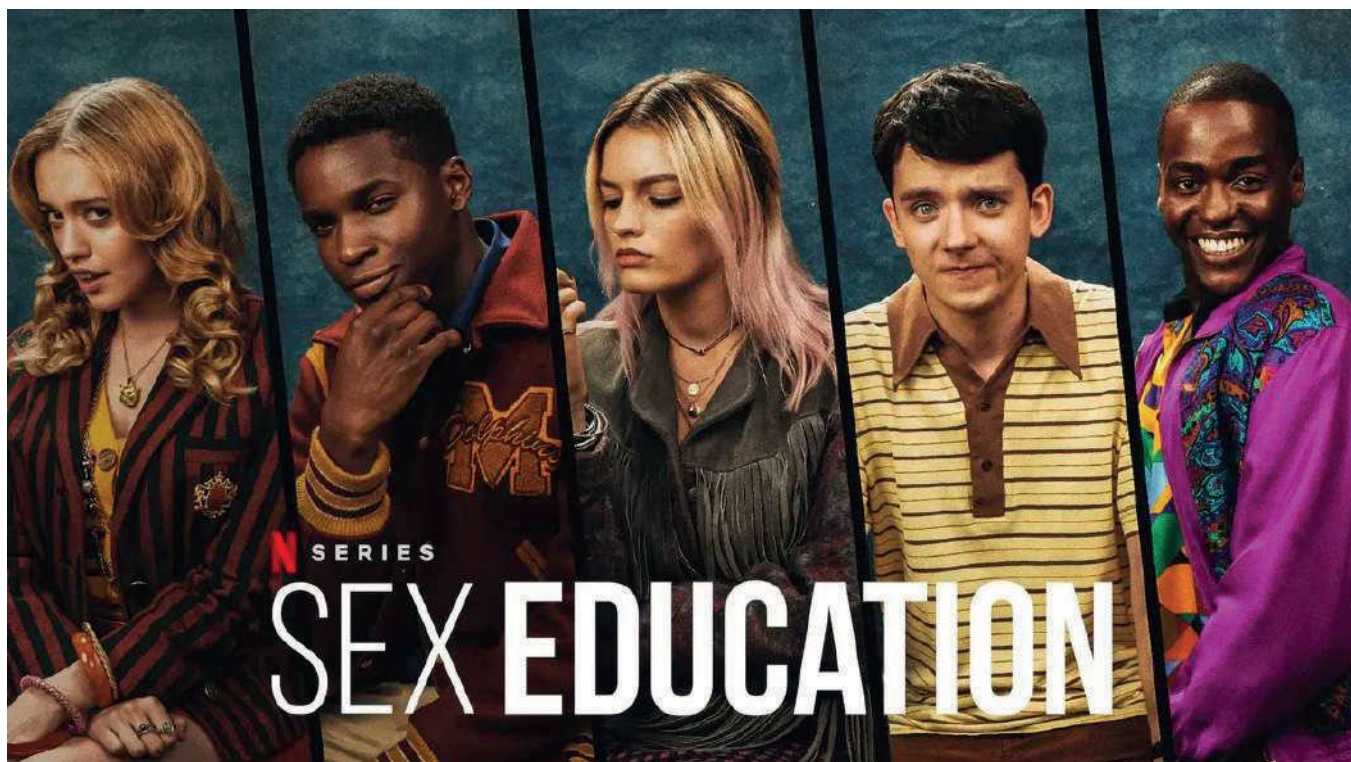


Foto: Reprodução/POPline

Reino Unido, 2019. Na Netflix

Cal, personagem que surge na terceira temporada da série, se identifica como uma pessoa não binária. Sua trama se entrelaça à de Jackson, figura conhecida dos fãs da produção. “Sex Education” se debruça sobre praticamente todos os tipos de identidade de gênero e sexualidade que existem – é a dica mais indispensável da lista para quem quer entender o universo LGBTQIA+.

One Day At a Time



Foto: Reprodução/Valkirias

EUA, 2017. Na Netflix

A série de comédia conta a história de uma família cubano-americana – na trama, uma mãe recém-divorciada e uma avó conservadora precisam criar dois adolescentes. Com muito amor e comidas típicas, a família ganha agregados cativantes, como a nova paixão de Elena, Syd, que se identifica como uma pessoa não binária.

Pega Pega



Foto: Reprodução/Letras

Brasil, 2017. No Globoplay

O tema ganhou espaço até numa novela das sete da Rede Globo. A atriz Elizabeth Savalla contracenou algumas vezes com um grupo de drag queens – e solta palavras como “amigues”.

Cara e Coragem



Foto: Reprodução/Gshow

Brasil, 2022. No Globoplay

O texto da nova novela de Claudia Souto, que escreveu “Pega Pega”, também usa às vezes linguagem inclusiva. A novela fala sobre o universo dos dublês – Pat e Moa precisam investigar a morte de uma personagem chamada Clarice. O folhetim é exibido por volta das 19h no canal da Globo e pode ser visto também no Globoplay.

Ridley Jones – A Guardiã do Museu



Foto: Reprodução/Fixable

EUA, 2021. Na Netflix

A série infantil tem um personagem búfalo que não se identifica como macho nem fêmea. A produção ainda exibe diálogos com as palavras “amigues” e “todes” de um jeito descomplicado para as crianças.

Queer Eye – Mais que um Makeover



Foto: Reprodução/Galileu

EUA, 2018. Na Netflix

Cada capítulo do reality show exibe a vida de uma pessoa sendo transformada em vários níveis com a ajuda de cinco apresentadores – Karamo, Tan, Antoni, Bobby e Jonathan, que já declarou ser uma pessoa não binária.

She-Ra e as Princesas do Poder



Foto: Reprodução/O Barquinho Cultural

EUA, 2018. Na Netflix

Na trama do reboot de “She-Ra”, da Netflix, Adora vira a superpoderosa She-Ra e precisa garantir proteção a toda a humanidade. Sua melhor amiga, porém, ficou do lado da Horda do Mal. Uma personagem não binária, que se chama Double Trouble, surge na quarta temporada da série.

Degrassi: Next Class



Foto: Reprodução/Quase Mineira

Canadá, 2016. Na Netflix

A série para adolescentes fala de temas como racismo, vícios, desilusões amorosas, doenças mentais e sexualidade. Sem dar muitos spoilers, uma das personagens se descobre uma pessoa não binária com o decorrer da trama.

[← Post anterior](#)

Leia outras reportagens

Entenda o que é a linguagem neutra de gênero, que causa polêmica em novelas da Globo

Livros com linguagem neutra de gênero, como 'elu' e 'todes', alteram a língua portuguesa para agradar minorias

Língua portuguesa, para ser inclusiva, perde marcação de gênero e ganha ideologia

Saiba como tornar a sua comunicação mais inclusiva no dia a dia

Saiba como tornar a sua comunicação mais inclusiva no dia a dia

Veja uma lista com quatro dicas para incorporar neutralidade de gênero às falas e textos



A linguagem neutra de gênero, também conhecida como linguagem inclusiva, cria variações em palavras da língua portuguesa padrão para que um texto soe mais inclusivo. Exemplos são as trocas dos pronomes “ele” e “ela” para “elu” ou “lindos” e “lindas” para “linde”. A ideia é apagar qualquer marcação de gênero e incluir pessoas não binárias.

Não binários são aqueles que não se identificam nem como homem nem como mulher. O termo serve como um guarda-chuva e cobre uma série de identidades que fogem à binariedade de gênero.

Não faz muito tempo que essa forma de comunicação ganhou força na internet, mas hoje já estourou a bolha virtual, virou assunto nas universidades e conquistou espaço na cultura pop.

Não à toa, há uma série de livros que são escritos com palavras distorcidas, como “todes”, que não querem afastar daquele texto leitores que não se considerem homens.

Inclusão é uma pauta urgente, mas a verdade é que inserir termos inclusivos nas falas do dia a dia pode não ser uma tarefa fácil. Veja a seguir uma lista com quatro dicas para ter um linguajar mais inclusivo.

Prefira termos sem marcação de gênero

Para os desacostumados com o tema, a principal dica é aderir à linguagem inclusiva usando termos comuns da nossa linguagem que não tenham indicação de gênero masculina ou feminina. Quando for se referir a um grupo de homens e mulheres, por exemplo, tente dizer “grupo de pessoas” em vez de “eles”.

Para cumprimentar, use “boa noite a vocês” no lugar de “boa noite a todos”. Iran Melo, professor da Universidade Federal Rural de Pernambuco que produz uma pesquisa sobre o uso da linguagem inclusiva no Brasil, explica que esse é o jeito mais fácil de incorporar essa forma de comunicação na rotina. “A gente vai precisar mexer um pouco com nossos hábitos, mas essas palavras já existem no sistema”, comenta.

Treine escrevendo

É mais fácil aderir à linguagem neutra de gênero enquanto se escreve do que quando se fala. Experimente, por exemplo, pegar uma redação que tenha feito no ensino médio e reescreva as frases substituindo os termos que tenham marcação de gênero.

O processo vai parecer difícil no início, mas é possível se habituar com um pouco de treino. “Usar a língua inclusiva por escrito é mais fácil porque há tempo para pensar”, ressalta Mar Ammar, que se identifica como uma pessoa não binária.

Pergunte o pronome das pessoas

Se tiver em dúvida de como se referir a uma pessoa que se identifica como transexual ou não binária, questione-a. Pode soar mais indelicado dizer os pronomes errados do que perguntar o jeito certo à pessoa.

Não desista se tiver dificuldades

Ninguém nasce desconstruído e despido de preconceitos e comportamentos conservadores. Ammar admite que teve dificuldade em aderir à linguagem neutra de gênero. “É uma mudança muito abrupta e que não possui suportes. A cultura ainda se apoia muito em escrita com gênero”, pontua. Por isso, tenha em mente que este é um processo lento e gradual.

Leia outras reportagens

Entenda o que é a linguagem neutra de gênero, que causa polêmica em novelas da Globo

Livros com linguagem neutra de gênero, como 'elu' e 'todes', alteram a língua portuguesa para agradar minorias

Língua portuguesa, para ser inclusiva, perde marcação de gênero e ganha ideologia

Personagens não binárias ganham luz em 8 filmes e séries no streaming; saiba onde assistir

Entrevistados

Iran Melo



É professor da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Possui doutorado em Linguística pela Universidade de São Paulo (USP). Realiza pesquisa sobre o uso do gênero neutro no Brasil e é diretor do Observatório Brasileiro de Linguagem Inclusiva de Gênero.

Juliana Toivonen



Estuda letras na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e escreve para o queridoclassico.com.

Mar Ammar

Se identifica como uma pessoa não binária. É designer e trabalha no setor de criação da Agência Yoooper Digital.

Marina Grilli

Graduada em Pedagogia e Letras. Possui mestrado



em Letras e é, atualmente, doutoranda em Educação. Mantém o perfil no Instagram @educacaolingustica.

Petê Rissatti



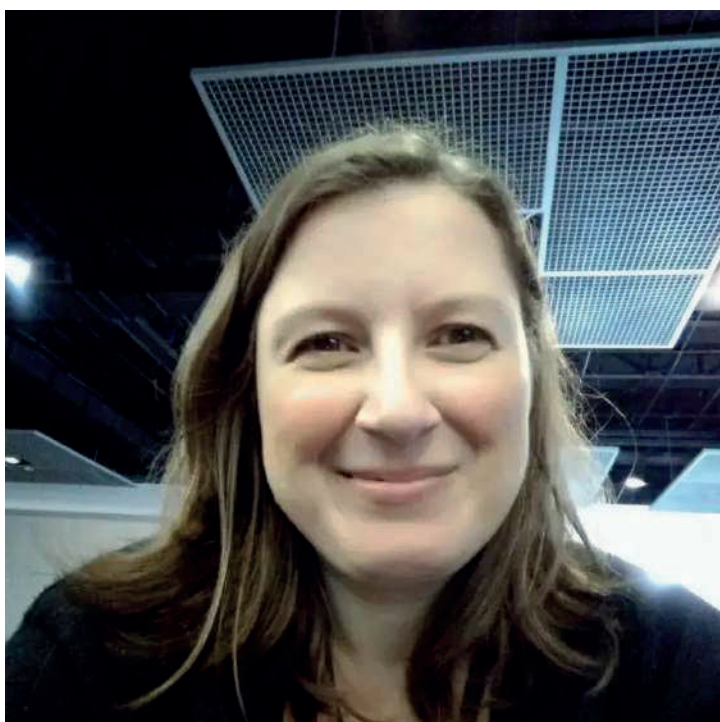
Já traduziu títulos como “Encarcerados”, publicado pela editora Aleph, que tem um personagem sem gênero identificado.

Rafaella Machado



É editora da Galera, o selo de livros jovens do Grupo Editorial Record.

Regiane Winarski



É tradutora. Já trabalhou em dezenas de títulos publicados por grandes editoras, inclusive livros do Stephen King, como “Trocas Macabras” e “A Metade Sombria”.

Thomas Daniel Finbow



É professor do Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo (USP). Possui graduação em Letras Espanhol e Alemão na Universidade de Cambridge (CAM). Concluiu mestrado e doutorado na Universidade de Oxford (OX) e conta com um pós-doutorado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Xiran Jay Zhao



Escreveu “Viúva de Ferro”, da editora Intrínseca, e se identifica como uma pessoa não binária.

Realizadores

Eduardo Moreira



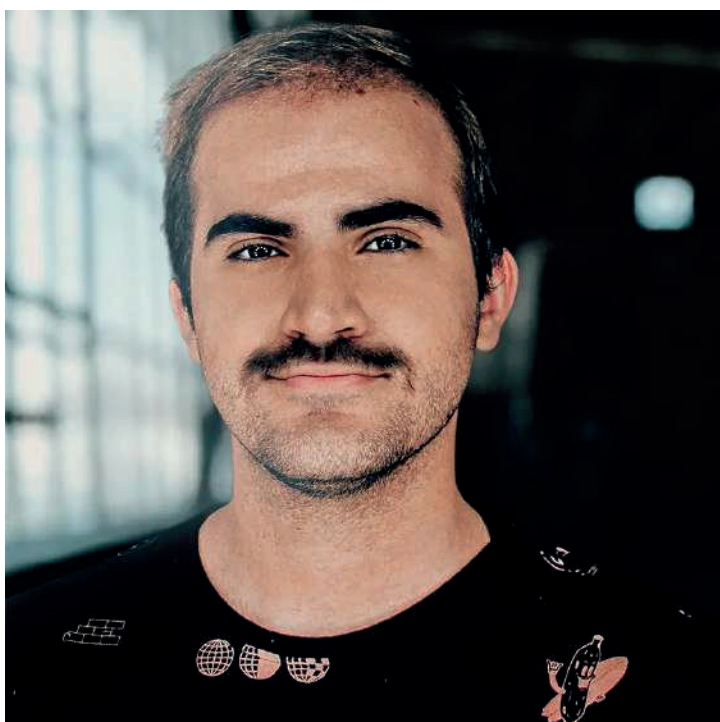
Viajou o mundo e o universo por meio da leitura. Hoje, trabalha como Analista de SEO, mas, apesar de estar longe do jornalismo, admira a profissão.

Guilherme Luis



Pegou gosto pela escrita depois de ler vários bons livros. Hoje, escreve para o caderno de cultura da Folha de SP.

João Macruz



A literatura e a escrita abriram portas para que se formasse em Jornalismo. Hoje, trabalha como redator e produtor de conteúdo.

REFERÊNCIAS

CALLENDER, Kacen. *Felix para sempre*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2021.

Editora Nacional. *Entrevista: Vic Vieira*. Editora Nacional, 2021. Disponível em: <<https://editoranacional.com.br/entrevista-vic-vieira/>>. Acesso em: 12 de julho de 2022.

FRAGA, Lorena. *Prefeitura de São Paulo lança campanha LGBTQIA+ com linguagem neutra*. Poder 360, 2021. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/brasil/prefeitura-de-sao-paulo-lanca-campanha-lgbtqia-com-linguagem-neutra/>>. Acesso em: 12 de julho de 2022.

Folha de S. Paulo. *Língua neutra é 'invenção burra' que não deve ser ensinada, diz Pedro Bandeira*. Folha de S. Paulo, 2022. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2022/03/lingua-neutra-e-invencao-burra-que-nao-de-ve-ser-ensinada-diz-pedro-bandeira.shtml>>. Acesso em: 12 de julho de 2022.

GUIRADO, Maria Cecília. *Reportagem: a arte da investigação*. São Paulo: Arte & Ciência, 2004. p. 22.

HBO. *Guia de Linguagem Inclusiva*. HBO, 2020. Disponível em: <<https://pji.portaldosjornalistas.com.br/wp-content/uploads/2020/05/GuiaTodxsNos.pdf>>. Acesso em: 12 de julho de 2022.

Intrínseca. *Pedimos desculpas pelo erro no uso de pronomes nos agradecimentos do livro "Viúva de Ferro"*. (+). Twitter, 2022. Disponível em: <<https://twitter.com/intrinseca/status/1497685106001170433>>. Acesso em: 12 de julho de 2022.

MARTINS, Pedro. *Linguagem neutra, de 'amigues' e 'todes', ganha a TV, os livros e a cultura pop*. Folha de S. Paulo, 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2021/10/linguagem-neutra-de-amigues-todes-elu-e-il-e-enfim-ganha-a-tv-e-os-livros.shtml>>. Acesso em: 12 de julho de 2022.

Nya. *Nada me deixa mais boiolinha e com o coração quentinho do que ver personagens usando a linguagem neutra ou personagens genderfluid ou não-binários nos livros* 🥰🥰💖. Twitter, 2022. Disponível em: <<https://twitter.com/halleycomett/status/1501582600237953036>>. Acesso em: 12 de julho de 2022.

POSSENTI, Sírio [et al.]. *Linguagem "neutra": língua e gênero em debate*. São Paulo: Parábola, 2022.

SAMPAIO, Jana; CERQUEIRA, Sofia; MONTEIRO DE BARROS, Duda. *Nem ele nem ela: os não binários ganham espaço e voz na sociedade*. Veja, 2021. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/brasil/nem-ele-nem-ela-os-nao-binarios-ganham-espaco-e-voz-na-sociedade/>>. Acesso em: 12 de julho de 2022.

Tor/Forge Blog. *Hadens, Chris Shane, Gender and Me*. Tor/Forge Blog, 2018. Disponível em: <<https://www.torforgeblog.com/2018/04/02/hadens-chris-shane-gender-and-me/>>. Acesso em: 12 de julho de 2022.

VICENTE, Emerson. *Professora e linguista com 70 anos no serviço público vê equívoco em termo 'linguagem neutra'*. Folha de S. Paulo, 2022. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2022/03/professora-e-linguista-com-70-anos-no-ser-vico-publico-ve-equivoco-em-termo-linguagem-neutra.shtml>>. Acesso em: 12 de julho de 2022.

2022.

WINARSKI, Regiane. *O temido personagem de gênero neutro parece que chegou. Me abracem*. Twitter, 2022. Disponível em: <<https://twitter.com/RegianeWinarski/status/1534594000560263180>>. Acesso em: 12 de julho de 2022.